CARTA SEMANAL

O fim de uma era

16 DE JANEIRO DE 2026

CANÁRIO DA MINA
ED. 138

G5 Partners

g5partners.com

Começamos o ano de 2026 impactados por uma das mais espetaculares missões militares dos últimos tempos: a captura do ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, e de sua esposa, Cília Flores, pelas forças armadas americanas.

Entretanto, o que essa operação teve de espetacular, teve também de disruptiva para a ordem internacional, por indicar uma mudança importante do papel dos Estados Unidos. Portanto, vamos usar a edição desta semana de "O Canário da Mina" para discutir as implicações do que aconteceu na Venezuela, no dia 3 de janeiro, para o mundo como o conhecemos.

Indo direto ao assunto, a ordem global do pós-Segunda Guerra Mundial está sepultada, e a captura de Maduro e de sua esposa pode ser considerada como o atestado de óbito – um óbito que leva consigo o direito internacional, que agora depende, quase que exclusivamente, da vontade de Donald Trump, o presidente da maior potência militar do mundo. E isso não é uma suposição nossa, pois o próprio Trump fez essa declaração, ao ser questionado se seu governo precisaria responder à lei internacional: *"Sim, mas tudo depende da sua definição do que é a lei internacional. Há apenas um limite. Minha própria moralidade. Minha própria mente. É a única coisa que pode me parar".* Basicamente, o que vale agora é a lei do mais forte, a Lei da Selva.

Isso pode parecer chocante para a maioria das pessoas que viveram sob os códigos e as formalidades do pós-guerra. Contudo, se nos atentarmos ao que está escrito no *National Security Strategy of the United States (NSS)*[1] – compêndio que lista as prioridades de política externa dos EUA e foi divulgado no início de novembro do ano passado –, podemos verificar que tudo o que está acontecendo no início de 2026 (intervenção na Venezuela, retenção do petróleo e retirada do país de 66 acordos e organismos internacionais) está lá. Ninguém pode dizer que não houve aviso. Portanto, para não voltarmos a nos surpreender, vamos analisar mais detalhadamente o documento para tentar antecipar o que nos espera no restante do ano.

A primeira coisa que salta aos olhos é a revisão do papel dos EUA no mundo. O texto diz o seguinte: *"Após o fim da Guerra Fria, as elites da política externa americana convenceram-se de que a dominação permanente dos Estados Unidos sobre o mundo inteiro era do interesse do país [...] Superestimaram a capacidade do país de financiar, ao mesmo tempo, um enorme Estado assistencia-regulatório-administrativo e um vasto aparato militar, diplomático, de inteligência e de ajuda externa. Fizeram apostas profundamente equivocadas e destrutivas no globalismo e no chamado 'livre-comércio', que esvaziaram justamente a classe média e a base*

[1] https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2025/12/2025-National-Security-Strategy.pdf.

industrial das quais dependem a primazia econômica e militar americanas. Permitiram que aliados e parceiros transferissem o custo de sua própria defesa para o povo americano e, às vezes, nos arrastassem para conflitos e controvérsias centrais para os interesses deles, mas periféricos ou irrelevantes para os nossos. E amarraram a política americana a uma rede de instituições internacionais, algumas movidas por um antiamericanismo explícito e muitas por um transnacionalismo que busca abertamente dissolver a soberania dos Estados nacionais"[2]. Ou seja, em apenas um parágrafo, podemos ver resumido o fim da ordem geopolítica que perdurou desde o desmantelamento da União Soviética e o fim da Guerra Fria. Para o governo Trump, o livre-comércio acabou sendo um fardo para os EUA, assim como a "Pax americana" e o financiamento americano de várias entidades internacionais – a maioria criada pelos próprios EUA. Portanto, já no início do NSS vemos as justificativas tanto para o protecionismo quanto para a retirada dos EUA de 66 acordos e organismos internacionais e descobrimos que esse será o padrão da política externa americana em 2026.

Porém, o que liga o NSS à invasão da Venezuela é a importância dada ao *Western Hemisphere* (Hemisfério Ocidental), um eufemismo para as "Américas". Com boa vontade, podemos até incluir um pedaço importante da Groenlândia no tal Hemisfério Ocidental. Mas vamos nos ater às Américas, porque a Groenlândia está em outra "caixinha" do NSS. O texto diz que quer um Hemisfério Ocidental que coopere com os EUA em temas como narcoterrorismo, cartéis e outras organizações criminosas transnacionais, evitando, assim, a migração em massa para o país. No entanto, na parte mais interessante, o NSS afirma o seguinte: *"[...] queremos um Hemisfério que permaneça livre de incursões hostis estrangeiras ou do controle estrangeiro de ativos estratégicos, que apoie cadeias de suprimento críticas; e queremos assegurar nosso acesso contínuo a locais estratégicos-chave. Em outras palavras, afirmaremos e aplicaremos um 'Corolário Trump' à* ***Doutrina Monroe"***[3] (grifo nosso). E o que seria a Doutrina Monroe?

Ela foi criada em 1823 pelo presidente americano James Monroe, que, em mensagem para o Congresso americano, disse: *"Julgamos propícia nesta ocasião afirmar, como um princípio que afeta os direitos e os interesses dos EUA, que os continentes americanos, em virtude da condição livre e independente que adquiriram e conservam, não podem mais ser considerados, no futuro, como suscetíveis de colonização por nenhuma potência europeia"*[4]. Ou seja, na verdade a Doutrina Monroe defendia a não criação de novas colônias europeias nas Américas e a não intervenção nos assuntos internos dos países americanos, tanto que ficou conhecida como *"América para os americanos"* – sendo que o termo "americanos" se refere ao povo dos países das Américas em geral, e não dos EUA em particular. Dessa forma, considerando-se a diferença conceitual da Doutrina Monroe com o "Corolário Trump", já surgiu um novo termo para designar a política externa de Trump para as Américas: "Doutrina Donroe". Que, sejamos francos, está mais para a política do *Big Stick* (grande porrete) de Theodore Roosevelt Jr.: *"Fale com suavidade e tenha à mão em grande porrete",* do que para o *"América para os americanos"* de James Monroe. Ou seja, está mais para "Tente a diplomacia, mas esteja sempre pronto para usar a força" do que para uma política de não intervencionismo nos assuntos internos dos países do Hemisfério Ocidental.

[2] Tradução livre.
[3] Tradução livre.
[4] Tradução livre.

Portanto, o ataque dos EUA à Venezuela foi a primeira medida concreta da política Big Stick da Doutrina Donroe em 2026, que teve como motivação não a volta da democracia ao país, mas impedir que a China tivesse acesso ao território e ao petróleo venezuelano, além de garantir o fornecimento dessa commodity para os EUA. Se considerarmos que, para Trump, o petróleo continua sendo um suprimento crítico – algo também ressaltado no NSS –, o ataque americano à Venezuela "gabaritou" o texto supracitado da definição da Doutrina Donroe.

Aqui há um potencial perigo para o Brasil. Certamente os minerais terras-raras se encaixam perfeitamente na definição de *"cadeias de suprimentos críticas",* portanto se faz mister discutir um marco regulatório para esses recursos minerais de modo a assegurar ao Brasil, ao mesmo tempo, acesso às tecnologias de refino e neutralidade do ponto de vista ao acesso a esses recursos. Desse modo, não seríamos apenas exportadores primários nem colhidos pela briga entre os EUA e a China. Porque, na briga entre o rochedo e o mar, quem sai perdendo é o marisco. E quem seria o "marisco" dessa história?

Um ponto importante levantado pelo ataque à Venezuela é se a questão da *"América para os americanos"* não poderia ser o início de uma política internacional de zonas de interesse entre os EUA, a China e – por que não dizer – a Rússia. As Américas, para os primeiros, o Sudeste Asiático para o segundo e a Europa para os últimos. Do que podemos auferir do NSS, isso não é verdade, visto que a defesa de Taiwan continua sendo uma estratégia importante para os EUA.

O texto fala da relevância estratégica de Taiwan para os EUA, não apenas por seu papel na fabricação de semicondutores – mais de 60% da produção mundial –, mas também porque a ilha divide o norte e o sudeste asiáticos em dois teatros operacionais fundamentais para os EUA em caso de uma guerra contra a China. Além disso, cerca de um terço de todo o tráfico marítimo passa pelo Mar do Sul da China, o que faz com que não só Taiwan, mas também Malásia, Vietnã e Filipinas sejam interessantes para os americanos. Inclusive, se estendermos a análise para a região da Coreia do Sul e do Japão, fecha-se o que se chama de Primeira Cadeia de Ilhas, citada repetidamente no NSS como importante estrategicamente para defender Taiwan e impedir que uma "potência potencialmente hostil" controle o Mar do Sul da China: *"Isso conectará as questões de segurança marítima ao longo da Primeira Cadeia de Ilhas, ao mesmo tempo que reforçará a capacidade dos Estados Unidos e de seus aliados de impedir qualquer tentativa de tomar Taiwan ou de criar um equilíbrio de forças tão desfavorável que torne impossível defender a ilha [...] Um desafio de segurança relacionado é a possibilidade de qualquer competidor controlar o Mar do Sul da China. Isso permitiria que uma potência potencialmente hostil impusesse um sistema de pedágios sobre uma das rotas comerciais mais vitais do mundo ou – pior – que a fechasse e reabrisse à vontade. Qualquer um desses cenários seria prejudicial à economia americana e aos interesses mais amplos dos Estados Unidos"*[5].

Por tudo que foi brevemente apresentado aqui, o que Trump vem fazendo não é resultado de sua

[5] Tradução livre.

impulsividade, como muitos apregoam. O ataque à Venezuela para prender Maduro, a restrição do acesso ao petróleo venezuelano e a retirada dos EUA dos 66 acordos e organismos internacionais já estavam previstos no NSS divulgado em novembro. Também estava lá o fim da Pax Americana e, mais importante, da liderança americana em assuntos relevantes para o mundo, como o aquecimento global (que para Trump não existe), a transição energética (os EUA escolheram a dominância do petróleo) e o combate à pobreza global.

Essa nova estratégia americana terá consequências importantes para a economia, assim como para a geopolítica global. No caso brasileiro, o risco é virar um "marisco" na guerra entre China e EUA pelo controle das cadeias de suprimento globais. Por isso, a discussão do marco legal para exploração dos minerais terras-raras é urgente. Para os demais países, a principal consequência econômica será o aumento exponencial dos gastos militares, que pegará boa parte deles já com sérios problemas para equilibrar as próprias contas. Isso será especialmente verdadeiro para a Europa – cujo desprezo de Trump abre espaço para questões como a da Groenlândia –, o Japão e a Coreia do Sul – ambos pressionados por demonstrações de força da China no Mar da China Oriental. Será que os EUA irão salvá-los em um eventual ataque chinês, ou os dois terão que se virar sozinhos? Durante 80 anos, a resposta seria óbvia – agora não mais.

Frase da Semana

"A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece."

Antônio Gramsci

G5 Partners	2023	2024	2025	2026
IPCA (%)	4,62	4,83	4,30	4,30
SELIC F.P (%)	11,75	12,25	15,00	12,50
USDBRL	4,86	6,18	5,48	5,50
PIB (%)	2,90	3,40	2,20	2,10

Sobre O Canário da Mina

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.